

De sem-universidade a Sem Universidade, ao MSU

Novos personagens entram na cena pública urbana brasileira, novos sujeitos sociais: os sem-universidade. Então, é preciso pensar o MSU, o movimento social como princípio educativo. Mas, o que é essa experiência humana de ser do MSU ou fazer-se um nome próprio: Sem Universidade?

É constituir-se como uma identidade coletiva. Ser sem universidade é mais que ser um trabalhador ou uma trabalhadora que não tem universidade, ou mesmo que luta por ela. Sem Universidade tem que ser nome simbólico, referência de luta, de organização, de ética, de cidadania e até da irreverência cultural que altera normas da gramática pela força do uso social de uma expressão que se torna nome próprio, mas em uma identidade que transcende a si mesma.

E o princípio educativo por excelência está no movimento mesmo, no transformar-se transformando, a universidade, as pessoas, a história, a própria pedagogia, sendo esta a raiz, o formato fundamental de sua identidade pedagógica. Ser do movimento é estar em movimento. No movimento se aprende que o mundo e o ser humano estão para ser feitos, ou que o mundo não é o mundo que está sendo e que o movimento da realidade, constituído basicamente de relações sociais que precisam ser compreendidas, produzidas ou transformadas, deve ser o grande mestre deste fazer.

Afinal, quem melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá melhor os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade de libertação?

Libertação a que não se chegará por acaso, mas pela sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela.

Olhar cada ação, cada cursinho popular em si mesmos, ou olhar para aquelas pequenas coisas isoladamente é diferente de olhar tudo isto, ou cada uma destas coisas na perspectiva do Movimento Social, ou como processos que produzem um movimento social. É este olhar geral que interessa, que permite situar o MSU para além dele mesmo, por sua vez como processo que constitui um movimento sociocultural que o transcende. Cursinho Popular é mais que Cursinho Popular; Universidade é mais que Universidade; talvez porque o Movimento seja mais que Movimento

O MSU revolve, mistura e transforma diferentes componentes educativos, produzindo uma síntese pedagógica que não é original, mas também não é igual a nenhuma pedagogia já proposta, se tomada em si mesma, exatamente porque a sua referência de sentido está no Movimento. É Che Guevara, Paulo Freire, novos quilombos sociais, Sociedade dos Poetas Mortos. Na verdade é uma síntese em processo, produzida pelo esforço, nem sempre consciente, de construir uma educação que seja do jeito do

movimento. Síntese também das linguagens presentes no meio urbano, ontem e hoje: o movimento hip-hop, a Igreja libertadora, o ativismo social, a contestação na universidade, a contestação na escola, a educação popular e a cultura popular.

Ser sem universidade quer dizer estar permanentemente em luta para transformar o atual estado de coisas na sociedade. Tudo se conquista com luta e a luta educa as pessoas. Há que se entender como em cada ação cotidiana está a marca da atitude de pressionar as circunstâncias para que elas sejam diferentes do que são.



Manifestação do MSU em frente ao Congresso Nacional, em Brasília, dia 15/06/04, pelo cumprimento do Plano de Nacional de Educação para o Ensino Superior.

A própria participação na luta forma a convicção, que poderia estar apenas como um esforço de socialização integradora. Ela acontece na dinâmica social também como socialização contestadora, de práticas, de valores, de concepções. Não é na resignação, mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos, como humanos.

que no Brasil a transformação da universidade não está na agenda da ordem. Mas, se a conjuntura não está favorável, cabe ao movimento fazer a conjuntura.

Junto com este aprendizado de que nada nos deve ser impossível de mudar, vem outro muito

importante, especialmente se visto com os olhos do nosso tempo: o aprender a produzir utopias, no sentido de construir um olhar para a vida e o mundo que projete futuro e um futuro balizado na convicção de que tudo pode ser diferente do que é. Se a realidade pode ser outra, então também é possível imaginar, projetar, como ela virá a ser se assim for feita.

E se, no geral, as práticas educativas se colocam na perspectiva de inserção (socialização, ir pra universidade etc) das pessoas, e especialmente das novas gerações, em uma determinada ordem (e isto em qualquer sistema social), não parece pouco importante temperá-la com práticas cujo princípio educativo siga a lógica inversa. Educar não poderia ser visto apenas como um esforço de socialização integradora. Ela acontece na dinâmica social também como socialização contestadora, de práticas, de valores, de concepções. Não é na resignação, mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos, como humanos.

Esse texto, de construção coletiva, bebe nas fontes literárias que encaram o movimento social como sujeito pedagógico, como o pensamento de Miguel Arroyo e de Roseli Salette.

MSU

MOVIMENTO DOS SEM UNIVERSIDADE

Movimento dos Sem Universidade

Correio eletrônico: msu@msu.org.br - Visite nossa página na internet: www.msu.org.br